

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS

ADNA CHIRLY MARIANO DE PAIVA

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA MÍDIA: UM ESTUDO DA
PÁGINA “ENQUANTO ISSO, NA SALA DOS PROFESSORES” DO *FACEBOOK*

PATU
2017

ADNA CHIRLY MARIANO DE PAIVA

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA MÍDIA: UM ESTUDO DA
PÁGINA “ENQUANTO ISSO, NA SALA DOS PROFESSORES” DO *FACEBOOK***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras.

ORIENTADOR (A): Luciana Fernandes
Nery

PATU
2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

P149c Paiva, Adna Chirly Mariano de
A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA
MÍDIA: UM ESTUDO DA PÁGINA DO FACEBOOK
"ENQUANTO ISSO, NA SALA DOS PROFESSORES". /
Adna Chirly Mariano de Paiva. - Patu/RN, 2017.
45p.

Orientador(a): Profa. M^a. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Identidade docente.. 2. Mídia digital.. 3. Facebook..
4. Discurso.. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

ADNA CHIRLY MARIANO DE PAIVA

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA MÍDIA: UM ESTUDO DA
PÁGINA “ENQUANTO ISSO, NA SALA DOS PROFESSORES” DO *FACEBOOK***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof^a Ma. Luciana Fernandes Nery- Orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva- Examinador 1
Universidade Federal do Semi-árido - UFERSA

Prof^a Ma. Kadygyda Lamara de França Leite- Examinadora 2
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

A Deus, aos meus pais e família.

AGRADECIMENTOS

Tenho muitas pessoas para agradecer, pois em toda esta minha caminhada, desde o ingresso a tão sonhada universidade, até hoje, com o esperado término, muitos se fizeram presente de modo a serem elementos ímpares para minha motivação para seguir em frente no curso e não me deixarem desistir.

Vou iniciar agradecendo à Deus, pois sem Ele eu não teria forças para caminhar. Agradeço por ter me proporcionando conciliar vida pessoal, conjugal, maternal e universitária, de modo a não me deixar fraquejar em nenhuma delas. Agradeço também aos meus pais Aldí Mariano de Medeiros e Maria Auxiliadora de Paiva Medeiros, em especial, minha mãe, que desde sempre me motivou a ingressar numa universidade. Mãe, pai, vocês são minha base. Sem vocês minha vida seria uma enorme confusão. Vocês são uma das forças que me fazem caminhar todos os dias.

Agradeço aos meus irmãos: Adiel Mariano de Paiva, por me ajudar, muitas vezes, na minha locomoção de nossa cidade ao *Campus* de Patu, tendo em vista que cursamos o mesmo curso; Adriana Dália Mariano de Paiva, obrigada por me ajudar por diversas vezes, me mantendo de pé e me acalmando em virtude das muitas situações já vividas; Antônio Manoel Mariano de Paiva, meu pequeno que amo de paixão; obrigada por me dar carinho. Aos meus três irmãos, grata pelo carinho e amor atravessado entre nós. Acredito que sem isso, essa caminhada teria sido muito mais difícil.

Obrigada à minha filha, Maria Isadora Mariano de Oliveira, que a tive no decurso da graduação, mas que de forma alguma atrapalhou em meus estudos; pelo contrário, sua chegada me despertou ainda mais interesse em continuar firme e forte no curso, pois foi por ela que realmente eu encontrei um propósito para alcançar, visto que, agora, o meu sucesso é para que ela tenha sucesso. Filha, muito obrigada pela sua existência, você me dá uma dose diária de amor e gratidão à Deus por me fazer sua mãe e fazer de você minha filha. Você é uma luz em minha vida. A ti, todo meu amor e carinho.

Agradeço também ao meu esposo Wenderly Freitas Oliveira, que diante de algumas dificuldades enfrentadas, acreditou em mim e na minha capacidade de

conquistar esse sonho. Também sou grata aos meus sogros, Widenilson Pereira de Oliveira e Franciones de Freitas Batista Oliveira, que me ajudaram e ajudam a cuidar e criar minha filha em minhas muitas ausências diárias em virtude da graduação. Obrigada, ainda, à Francisca Geane Pereira, que desde minha natalidade, se pronunciou a, também, auxiliar em todos os cuidados que se deve ter a um bebê. À todos vocês, meu muito obrigada.

Agora, vou agradecer àqueles que na universidade, de alguma forma, contribuíram para minha formação: obrigada a todos os professores pelos ensinamentos, pelas lições de vida e por tudo que me proporcionaram viver durante a graduação. Vou levar isso tudo para minha vida. Em especial, quero agradecer aos professores Ananias Agostinho da Silva e Francisco Vieira da Silva. Vocês são mais que professores, são mestres que devem ser altamente prestigiados, pois ambos não se limitam ao trabalho docente; são amigos que devem ser cultivados durante toda uma vida. À vocês, não só a minha gratidão, mas também meu carinho e admiração.

Obrigada, também, a todos que fazem parte da organização do *Campus*. Não posso esquecer de agradecer a todos os meus colegas de classe que compartilharam comigo mais de quatro anos de manhãs que me lembrarei para sempre. Obrigada às minhas melhores amigas conquistadas na graduação: Mônica Alline Dantas Batista, Anne Caroline Pereira Dantas e Heloisa Jales Nogueira, vocês são pessoas que me motivaram durante toda essa jornada, tornaram nossas manhãs muito mais felizes e, diante das situações em que parecia não haver uma saída, nós juntas soubemos nos sobressair. Sem vocês esses quatro anos não teriam sido o mesmo. Vou levar essas amizades para toda a minha vida. Muito obrigada por tudo, amigas. Amo cada uma.

Não poderia deixar de agradecer à minha orientadora da monografia, a professora Luciana Fernandes Nery, que embora não tenhamos, ainda, um laço de amizade, tenho uma grande admiração pelo seu desempenho profissional e pela sua sabedoria. À ti, professora, minha gratidão por me ajudar a conduzir o bom êxito deste trabalho.

Assim sendo, são essas pessoas que são merecedoras de meus agradecimentos. Elas são responsáveis pela minha chegada até aqui e pelas futuras

conquistas que terei em virtude desta formação. A todos vocês, minha eterna gratidão.

Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

Michel Foucault (1996, p. 44)

RESUMO

É sabido que o professor pode estar diante de certos tipos de representações identitárias que são discursivamente construídas e difundem-se, sobretudo, através da mídia digital, dispositivo preponderante nas criações e recriações das subjetividades do sujeito. Dessa forma, a mídia tende a expor não a realidade, mas as vontades de verdades que se formam através dos já-ditos socialmente. Nesse sentido, fez-se oportuno analisar como a mídia, através de uma página do *Facebook* intitulada por “Enquanto isso na sala dos professores”, retrata a figura do professor, afim de entendermos como ocorre o processo identitário docente na referida página e identificar as vontades de verdades que são perpassadas. Desse modo, respaldamo-nos a partir dos estudos de Hall (2006) e Bauman (2005) que nos oferecem embasamentos sobre a questão da identidade; em Freitas (2014), Peres (2010) e Scoz (2011) que tratam da identidade docente; em Foucault (1995; 1996; 2004; 2011) para compreender as questões das relações de poder e vontades de verdades e em Gregolin (2007), em seus estudos sobre a mídia. Nosso trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa e documental, pois utilizamos como *corpus* as postagens do *Facebook*, a fim de descrever e interpretar os dados. A partir da análise realizada, foi possível constatar que através das postagens trazidas pela página em questão, a identidade docente é representada a partir de conflitos, tendo em vista as relações de poder existentes entre aluno e professor em seu contexto escolar. Além disso, foi possível destacar o modo como as vontades de verdade são perpassadas pela mídia através desse recurso midiático. Assim, a constituição identitária docente condiz com uma vontade de verdade que se propaga entre os discursos disseminados, sendo, então, aliado a uma verdade existente, pois, o professor descrito apresenta o papel de sujeito que vive experiências conflituosas com os seus alunos.

Palavras-chave: Identidade docente. Mídia digital. *Facebook*. Discurso.

ABSTRACT

It is well-known that teacher may be faced up with certain types of identity representations that are discursively constructed and diffuse, above all, through digital media, a device that preponderant the creations and re-creations of the subject's subjectivities. In this way, the media tends to expose not the reality, but the wills of truths that are formed through the already-said socially. Thus, it was appropriate to analyze how the media, through a Facebook page titled "*Meanwhile in the teachers' room*", that shows teachers' reality, in order to understand how teaching identity process occurs in that website and to identify the truths' will that are transmitted. In this way, we are based on the studies of Hall (2006) and Bauman (2005) which offer us theoretical basis about the identity's question; on Freitas (2014), Peres (2010) and Scoz (2011) which address about teaching identity; on Foucault (1995, 1996, 2004, 2011) to understand the issues of power relations and truths of wills; and Gregolin (2007) on his studies about media. Our work is a descriptive, qualitative and documentary research, because we use as a *corpus* some Facebook posts, in order to describe and interpret the data. From the analysis performed, it was possible to verify that throughout the posts presented by the mentioned website, teacher identity is represented from conflict, bearing in mind the existing power relations between student and teacher in their school context. In addition, it was possible to highlight how the truths of wills are disseminated by the media through this media resource. Thus, the teaching identity constitution consistent with a will of truth that spreads among disseminated discourses; so, it is combined with an existing fact, because the teacher mentioned features the image of a person who lives conflicting experiences with his students.

Keywords: Teaching identity. Digital media. Facebook. Discourse.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	31
Imagem 02	32
Imagem 03	33
Imagem 04	34
Imagem 05	35
Imagem 06	36
Imagem 07	36
Imagem 08	37
Imagem 09	38
Imagem 10	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: IDENTIDADE DOCENTE, VONTADES DE VERDADE, RELAÇÕES DE PODER E MÍDIA	16
1.1 A constituição identitária.....	16
1.2 A Identidade Docente: a busca de uma (re)configuração	20
1.3 Vontades de verdade e Relações de poder	23
1.4 O poder da mídia na produção de subjetividades	25
CAPÍTULO II: ENQUANTO ISSO NA SALA DA JUSTIÇA: EM BUSCA DE UMA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE	29
2.1 A constituição da identidade do Professor na página do <i>Facebook</i> “Enquanto isso, na sala dos professores”	29
2.2 As identidades do professor: que imagens são representadas na mídia digital?	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

As nossas identidades passam por inúmeros processos de construção para chegar ao que somos, moldando-se a partir do modo como os sujeitos se inserem na sociedade, mudando e transfigurando suas ações de acordo com o tempo e espaço em que estamos inseridos (HALL, 2006). A identidade, assim, passa a ser constituída através da interação com o outro, visto que o indivíduo não é dono de uma identidade fixa, mas através da ação do tempo e da interação passa a se constituir e a partir de então vai se modificando e possivelmente se adaptando ao contexto que está inserido.

Desse modo, visto que somos sujeitos pós-modernos, nossas interações são condizentes com o meio social e com os recursos que nos são oferecidos e, assim, fazemos uso desses elementos sociais de modo a utilizarmos para fazer, também, nossas escolhas, dentre elas, a opção profissional. “A identidade profissional vai paralelamente sendo formada junto com todos os outros papéis que assumimos e é influenciada por eles.” (FREITAS, 2014, p. 115). Assim, não é por acaso que uma pessoa se torna um profissional, ela é implicitamente destinada a ser por questões e fatores externos, que se desencadeiam pelo modo como vivemos, pelas escolhas que fazemos e que vem a influenciar na preferência das nossas profissões.

Nesse sentido, quando um sujeito escolhe ser professor, muitas questões são levadas em considerações envolvendo não apenas um saber teórico, mas também as relações sociais com o cargo, que pode ser associadas por fatores históricos que os levam a querer seguir uma carreira (FREITAS, 2014). O professor, então, pode ser um resultado de escolhas que são feitas a partir de influências de pessoas próximas, por gosto em poder se responsabilizar no aprender do outro, por vocação em ser um profissional da educação, entre outros motivos. Assim, o modo como um profissional é representado também pode influenciar na escolha da profissão do outro.

Pensando no momento atual em que vivemos e que nossas subjetividades são construídas a partir do contexto histórico, podemos perceber a importância do poder de propagação da mídia para a efetivação de identidades. Porém, dentre tantos recursos midiáticos que existem em nossos dias, podemos ressaltar entre os mais usados o *Facebook*, uma rede social no qual o sujeito faz postagens de sua

vida através de fotos, *check-ins*, pensamentos e imagens pessoais. O *Facebook* dispõe ainda de páginas que podem conter qualquer tipo de conteúdo, dentre elas podemos citar a *fanpage* “Enquanto isso, na sala de professores”, que se utiliza da figura do docente através de postagens para fazer circular determinadas representações identitárias. Portanto, percebemos que o professor é também alvo da mídia. Nessas páginas, estão presentes possíveis identidades que podem condizer com discursos disseminados socialmente que resultam em “vontades de verdades” relacionadas aos professores e a inúmeros outros sujeitos.

Assim sendo, é através das postagens da página do *Facebook*, intitulada por “Enquanto isso, na sala dos professores”, que nos apropriamos para a realização da nossa pesquisa. Para tanto, nos baseamos nos estudos de em Hall (2006) e Bauman (2005) que nos oferecem teorias a respeito da identidade; Freitas (2014), Peres (2010) e Scoz (2011), que falam especificamente da identidade docente; de Foucault (1995; 1996; 2004; 2011) que nos conduz para a compreensão das vontades de verdade e relações de poder presentes nos discursos e ainda em Gregolin (2007) que apresenta uma discussão sobre os discursos e a mídia, entre outros.

A partir das reflexões apresentadas, elencamos os seguintes questionamentos: a) Como a(s) identidade(s) do professor são construídas através dos discursos das postagens da página “Enquanto isso, na sala dos professores” do *Facebook*? b) Quais as “vontades de verdade” disseminadas através das identidades do professor apresentadas pela mídia? Tendo em vista nossos questionamentos, temos como objetivos:

Geral:

- Investigar o processo da constituição identitária do professor na página “Enquanto isso, na sala dos professores” do *Facebook*.

Específicos:

- Analisar o processo da constituição da identidade do professor nas postagens da página “Enquanto isso, na sala dos professores” do *Facebook*;

- Identificar as vontades de verdades que são construídas para o sujeito professor através da mídia digital.

Perante tais objetivos, percebemos que o professor é um profissional do ensino que busca através da profissionalização adquirida na sua formação ensinar

aos alunos através de uma construção e mediação de conhecimentos. No entanto, visto que essa não é a única imagem identitária perpassada em relação a este profissional em decorrência dos discursos que são disseminados e sabendo da importância e uso que se faz, atualmente, das mídias, fez-se oportuno pesquisar sobre a identidade do professor nas mídias na página “Enquanto isso, na sala dos professores” do *Facebook*.

Nossa pesquisa conta com 10 (dez) postagens da respectiva página, que, dentre tantas, são as que, de alguma forma, elencam principalmente o processo identitário docente. Tais postagens traduzem as representações identitárias presentes para a figura do professor, bem como as “vontades de verdades” que são configuradas para o profissional em questão a partir das representações dadas para este sujeito. Nesse sentido, este trabalho trata-se, de uma pesquisa descritiva, visto que o *corpus* em questão não sofre alteração em virtude da respectiva análise. Esta pesquisa define-se, ainda, como bibliográfica, pois utiliza-se de fontes secundárias (ANDRADE, 2009), e qualitativa, visto que objetiva uma análise e interpretação dos dados. Assim, como método de abordagem, utilizamos o método dedutivo, pois fizemos uma observação do nosso *corpus*, a fim de obtermos representações da figura do professor nesse recurso midiático. É, também, documental, pois trata-se de um documento já existente: postagens do *Facebook*.

Nosso trabalho é composto por dois capítulos. O primeiro está intitulado de: “*Identidade docente, vontades de verdade, relações de poder e mídia*”. Neste capítulo, discorreremos acerca do modo como as Identidades são constituídas socialmente, as vontades de verdade e as relações de poder existentes no campo do discurso e o papel da mídia na disseminação de discursos. O capítulo II, que se intitula como: “*Enquanto isso na sala da justiça: em busca de uma constituição da identidade docente*”, é destinado à análise dos dados. Em seguida, apresentamos as considerações finais.

Nossa pesquisa busca apresentar o modo como a mídia através do *Facebook* faz uso de suas postagens para disseminar a imagem do professor, em busca de um entendimento do processo identitário docente, visto que durante nossa formação, enquanto futuros professores, emergiu-se um grande interesse na área que visa o estudo de identidades e se fez oportuno pesquisar através dos recursos

midiáticos como acontecem esses processos identitários nesta profissão que, de alguma forma, nos representa.

CAPÍTULO I: IDENTIDADE DOCENTE, VONTADES DE VERDADE, RELAÇÕES DE PODER E MÍDIA

1.1 A constituição identitária

Nossa identidade é constituída a partir de diversos fatores relativos à vivência humana, visto que somos sujeitos a lidar com o processo de mudanças sociais que acontecem no decorrer dos tempos. Por esta razão, Hall (2006, p.7) enfatiza que essas novas identidades, surgidas a partir dessas mudanças decorrentes da ação do tempo, estão em declínio, fazendo assim, o sujeito moderno, modificar sua identidade e se fragmentar, configurando uma “crise de identidade” causada pelo impacto social que nos constitui como sujeitos e que, de alguma forma, está sendo transformada pelas mudanças globais.

Para melhor explicar a questão identitária, Gregolin (2008, p. 83) diz que “[...] “identidade” é um processo que se desenvolve e se transforma com a história, de acordo com as concepções de *sujeito*.” Desse modo, percebemos que a nossa história, que é configurada pelo tempo e espaço em que vivemos, é motivada também pelo modo como o sujeito se concebe. Essas concepções são elencadas por Hall (2006, p. 10-11-12), que as distingue em três diferentes modos de identidade e descreve-as como: “sujeito Iluminista”, “sujeito sociólogo” e “sujeito pós-moderno”. Para este autor, o sujeito iluminista define-se como:

[...] pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele - ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 2006, p.11)

De acordo com a afirmação do autor, a identidade humana é considerada, no conceito de sujeito iluminista, como algo inato, que se adquire no momento do nascimento, visto que o eu (a identidade pessoal) é distinta de qualquer influência, pois há uma consciência acerca de tudo que se é destinado e cabe ao sujeito humano acatar ou não para si. Na segunda concepção, temos o sujeito sociológico, “[...] formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediava

para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura - dos mundos que ele/ela habitava.” (HALL, 2006, p, 11). Nesta perspectiva, a identidade do sujeito pode se definir a partir da interação com o outro, sendo este uma pessoa que se configura como um ser próximo e confiável e se identifica como uma espécie de mediador entre o sujeito e o seu meio. A terceira concepção trazida pelo autor é a do sujeito pós-moderno,

[...] conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. (HALL, 2006, p. 13)

Para Hall, as identidades pós-modernas estão sempre em processo de construção, visto que as mudanças ocorridas no meio social são refletidas diretamente em nosso modo de ser, não existindo, assim, uma concepção ideológica formada e sim em formação. Nesse sentido, podemos, assim, observar que o referido autor apresenta diferentes modos de constituição para o sujeito, tendo em vista “que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.” (HALL, 2006, p. 10)

Gregolin (2008), ao falar em transformação da identidade a partir dos fatores históricos, considera que nossa identidade pode ser constituída através de configurações externas ao ser humano através de processos sociais. Nossa identidade se constrói a partir de vivências obtidas pelo ato de estar no mundo. “Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (HALL, 2016, p. 38).

Nesse sentido, o outro possui uma grande importância para a construção da nossa identidade, pois “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.” (Grifos do autor) (HALL, 2006, p, 39). Ou seja, nos concebemos como sujeitos a partir do modo como o outro nos vê. Somos portadores, portanto, de uma “falta de inteireza”, que se preenche a partir do momento que temos contato com o outro e, assim, passamos a nos “preencher”.

Dessa forma, as nossas identidades são formadas não apenas pelo eu, mas também pelo outro, constituída através de aprendizagens graduais e parciais (HALL, 2006). O outro, então, é descrito por Hall (2006) como um espelho para o sujeito, visto que, uma criança, sujeito em processo de constituição de uma representação para o eu vê o outro como um espelho, ou seja, a imagem do outro é um trilho para a criança poder seguir. Hall chama este fenômeno de “fase do espelho”. Nesse sentido, a construção da identidade constitui-se a partir da imagem do outro, visto que

A formação do eu no ‘olhar’ do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. (HALL, 2006, p. 37-38)

Assim, a presença do fator externo gira sempre em torno do processo de representação do sujeito, pois o eu é constituído, também, pelo meio social em que está inserido. Nesse sentido, Bauman (2005) desenvolve sua discussão sobre identidade, tendo em vista que somos sujeitos propícios a termos uma identificação. Entretanto, esta não é definida por nós, mas pelos fatores externos que acontecem para possibilitar mudanças. O autor enfatiza que:

Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que são “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”. Dos dois tipos, o primeiro me foi negado. [...] A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” [...] (BAUMAN, 2005, p. 17).

Sabendo disso é importante ressaltar que, para Bauman (2005), a identidade surge quando nos deparamos com contradições das situações normalizadas das quais vivemos, as quais somos expostos através das comunidades de ideias. Desse modo, compreendendo que o externo é um fator importante para o desenvolvimento de nossa identidade, a globalização, então, “[...] envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas.” (SILVA, 2009, p, 20). Para Hall (2006), a globalização possui um papel elementar na identidade do

sujeito. Através dela, a modernidade tardia estabelece à questão da identidade um caráter de “mudança rápida e permanente”. A Globalização descrita por Hall (2006) é um fenômeno que representa a quebra de barreiras entre os países, pois não há, segundo o autor, processos dissociáveis entre os diferentes espaços, o que se dissocia é o tempo e o espaço em que vivemos, por virtude de uma interconexão existente.

A modernidade tardia, então, de acordo com Bauman, caracterizada pelo aspecto líquido da sociedade, nos mostra que os fatores externos estão a todo momento sendo condensados por elementos de mudanças constantes. Assim, “conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra”. (GIDDENS, 1991, p. 12). Da mesma forma que as mudanças globais acontecem, o sujeito também muda, visto que se adapta a tais realidades e vai moldando também os modos de enxergar e viver no mundo.

Assim, esse processo de globalização que age sobre os sujeitos é um processo contínuo que é, de certa forma, responsável pelo indivíduo que “cria”. Nesse sentido, “[...] a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas”. (HALL, 2006, p. 71).

As identidades passam a ser o produto do que o momento histórico espacial perpassa, transformando-as continuamente através dos processos de mudanças destes. Portanto, podemos observar que o processo identitário se configura não só pelo eu, mas também através de alguns processos que são influentes pela sociedade, pelo outro e pelo espaço-tempo, sendo estes determinantes para a caracterização e configuração de uma identidade que jamais poderá ser fixa, mas sim móvel e contínua, que se adapta/adéqua a diferentes realidades postas ao indivíduo. Desse modo, “o conceito de identidade é complexo, multifacetado, e por isso pode ser pensado a partir de vários ângulos [...]” (GREGOLIN, 2008, p. 82).

Dessa forma, a identidade profissional de um sujeito também está articulada a inúmeras questões que englobam a escolha feita para se seguir uma carreira, visto que uma profissão também requer escolhas advindas de fatores sociais que rodeiam e, de certa forma, influenciam para se exercer uma profissão. No próximo tópico, iremos apontar e descrever os modos como os fatores externos podem servir de

norte para a obtenção de uma profissão, bem como esta pode se relacionar com o indivíduo.

1.2 A Identidade docente: a busca de uma (re)configuração

Quando se escolhe ser professor não se faz apenas uma escolha profissional; são muitos fatores que influenciam tendo em vista que trata-se de um sujeito inserido no mundo e que este está em consonância com o social. Essa escolha, então, pode ser motivada por “Influências familiares, econômicas, traços psicológicos, afetividades e oportunidades que impulsionam para um ou outro caminho” (FREITAS, 2014, p. 116). De acordo com a autora, existem motivações que se vinculam a pensamentos sobre a profissão docente, tais como: “pensava que era uma profissão só para mulheres” e ainda se “achava ‘vacionada’ para tal profissão porque gostava de crianças” (FREITAS 2014, p. 31). Desse modo, um pensamento tal como a da autora é comum, pois se vincula a questões históricas vividas durante o início da docência e pode se estender até nossos dias.

Assim, o ser professor se dava pela questão de gosto/vocação, sendo este um pensamento que perpassa épocas, já que antigamente o ato de ser professor comumente era destinado a pessoas religiosas por apresentarem vocação, (ideia herdada do início da docência) e a mulheres que tinham a “obrigação”, de acordo com um modelo patriarcal, de cuidar dos filhos, ou seja, de ser cuidadora. (FREITAS, 2014). A autora relata ainda que:

Assim, como muitas outras pessoas, tinha visto na profissão docente uma maneira de ascender socialmente, de mudar, de ser outra coisa e não mais uma auxiliar de secretária, não queria mais esse papel desempenhado até então, havia outros papéis a desempenhar, outros projetos, outros desejos, que possibilitaram a mudança, o vir-a-ser, a transformação de minha identidade, [...]. (FREITAS, 2014, p. 32)

Dessa forma, é possível transformar uma identidade através da mudança de uma profissão, visto que nossa identidade molda-se ao contexto e “[...] representa um processo constituído socialmente através das relações e vivências que o sujeito vai estabelecendo ao longo de sua existência”. (FREITAS, 2014, p. 103). Nesse sentido, nossa escolha profissional faz parte, também, da nossa identidade, já que

nossas escolhas nos possibilitam a lidar com questões condizentes com o espaço escolhido e isso reflete na nossa subjetividade. Dessa forma, “o ser humano, na sua existência individual, irá se desenvolver dentro de um mundo social, que o faz ser de uma natureza ímpar, mas a marca de sua individualidade estará sempre referida aos sistemas de significações que a sociedade possibilitou.” (FREITAS, 2014, p. 113). Assim, as subjetividades estão em consonância com o contato que se tem do meio até mesmo em nossas escolhas profissionais.

Desse modo, “a identidade profissional vai paralelamente sendo formada junto com todos os outros papéis que assumimos e é influenciada por eles.” (FREITAS, 2014, p. 115). A identidade profissional de um professor vai sendo traçada junto com os outros contextos em que estão inseridos, fazendo com que os fatores externos a nós (o meio) sejam influenciadores dessa escolha. Além disso, outros motivos tais como: a “crença na educação como meio de transformação, predestinação na época de formatura, opção/vontade pessoal, sonho de criança, idealismo, necessidade de ocupação de trabalho com o ser humano.” (FREITAS, 2014, p. 116) são determinantes na escolha profissional.

No entanto, a identidade docente mesmo sendo construída através de todos esses fatores prévios a inserção na atuação docente, tem como um dos principais condutores para sua efetivação a vivência na profissão, pois é no cotidiano que se permite a construção da identificação ou não da sua escolha e o sujeito pode se assumir, ou não, como tal profissional. (FREITAS, 2014). Os professores, em suas vivências, ampliam a visão inicial que tinham ou poderiam ter antes de sê-lo. Além disso, “[...] para a construção da identidade do professor, tem-se como uma das exigências sua capacitação no saber teórico, [...]” (FREITAS, 2014 p. 117), afinal o sujeito precisa ser capacitado como tal para saber lidar com as questões de ensino e, também, com as questões cotidianas das escolas, salas de aulas e alunos. Diante tal questão, comungamos com a ideia de que

A questão da prática revela-se importante categoria constituinte da identidade, por isso pretendemos destacar a influência da experiência com a prática como elemento formador e diferenciador na constituição da identidade dos indivíduos que optaram pela profissão docente. (FREITAS, 2014, p. 122)

A experiência se faz na prática e, muitas vezes, o saber teórico não está relacionado ao fato de saber lidar com o contexto escolar, visto que é uma profissão que demanda esforço por todas as partes, principalmente do professor que precisa saber lidar com inúmeras questões. Nas palavras de Peres (2010, p. 41), “a crise relacionada ao conhecimento profissional corresponde a uma crise na formação profissional”, pois os indivíduos que se formam ainda não estão completamente preparados para lidar com as questões reais que perpassam no meio profissional. Dessa forma, acredita-se que o professor, ao se preparar para a docência, se mune de teoria para fazer a aplicação na prática e, assim, se tornar professor; o que de fato pode não acontecer, pois como a própria autora afirma, “O fazer docente e a prática aparecem como um elemento primordial na formação e constituição da identidade docente [...]” (FREITAS, 2014, p. 123). A constituição de um professor, então, se constrói a partir da realidade vivida através do cotidiano, uma vez que a teoria seria uma forma, apenas, de se profissionalizar para tal.

Nesse sentido, visto que a “constituição da identidade se dá por meio das relações e manifesta-se no fazer, [...]” (FREITAS, 2014, p. 123), no caso da identidade docente isso não se modifica, pois no processo de constituição, embora essa profissão demande estudos e capacitação por meio de um curso superior e nele o sujeito esteja apto para a efetivação profissional, sua identidade como docente se configura com as vivências advindas da atuação, pois “[...] a identidade é transformada no fazer do sujeito e que, por meio de conflitos existentes nesse fazer, emoções são afloradas, reflexões são realizadas e um novo fazer se constitui, transformando a identidade.” (FREITAS, 2014, p. 121). Desse modo, a identidade docente demanda que o sujeito se relacione com o que acontece em seu cotidiano, reflita sobre isso, para que, então, se construa uma identidade.

Assim sendo, a identidade docente em seu processo de construção, de certa forma, não poderá ser concreta, visto que “[...] demanda tempo para se construir e reconstruir, assimilando mudanças necessárias, [...]” (FREITAS, 2014, p. 118) que não se estabilizam pela teoria e nem pela prática, mas é o ato de praticá-la que a torna processual, ou seja, mutável. “Isso implica um movimento de reflexão do passado e do presente, dando sentido à profissão, construindo uma identidade do que é ser e estar sendo professor/professora” (FREITAS, 2014, p. 118). Para tanto,

é vivendo, se reconhecendo e se descobrindo como professor a cada dia que a identidade profissional vai sendo traçada e reconfigurada.

Nesse sentido, partindo da questão que somos seres inseridos socialmente e que a partir disto, possivelmente, podemos nos configurar, iremos pensar nas vontades de verdade e relações de poder que se inserem nos discursos no tópico a seguir.

1.3 Vontades de verdades e Relações de poder

Podemos tomar como vontades de verdade, de acordo com Gregolin (2006, p.98) uma “configuração histórica: não há uma verdade, mas vontade de verdade que se transforma de acordo com as contingências históricas”. Nesse sentido, é considerando o momento histórico que podemos acatar ou acreditar naquilo que, de alguma forma, se torna viável aos sujeitos inseridos na sociedade. Os discursos que nos são viabilizados são tomados como verdade por nós sujeitos, pois estamos inseridos em instâncias que produzem jogos de verdade descritos por Foucault (2004, p. 282) como “um conjunto de regras de produção de verdade considerando a verdade temas fabricados em um momento particular da história”, ou seja, as verdades produzidas hoje podem não condizer com a que teremos há alguns anos ou com o passado.

Nesse sentido, a verdade passa a ser configurada por discursos que são colocados em circulação e nós, como seres sociais, temos acesso e nos apropriamos dos ditos. O discurso está intrinsecamente ligado à questão da verdade construída socialmente, uma vez que as vontades de verdade se configuram a partir dos discursos disseminados. Para tanto, de acordo com Foucault, entendemos como o discurso se relaciona com as verdades. O autor enfatiza que:

O discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura, jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante. (FOUCAULT, 1996, p. 49).

Desse modo, o discurso passa a ter significados diferentes quando é exposto em contextos diferentes e as verdades passam a ser relativas, pois a

medida que um discurso é produzido visões diferentes são produzidas. Dessa maneira, o discurso passa a ser um produto a qual o sujeito tem o poder sobre ele, formando um jogo de “ações sobre ações” (FOUCAULT, 1995, p. 244), pois o olhar do outro, representa outra ação sobre um mesmo discurso. Assim, as vontades de verdade, nesse sentido, são caracterizadas por atribuições dadas que podem não ser condizentes com o que se quis produzir; considerando, também, o que o outro sujeito acredita e que através desta outra visão, pode-se atribuir outro significado ao discurso primeiro.

É assim, também, que se constroem as relações de poder, visto que o poder está ligado ao saber e a partir dos discursos e dos saberes que estes engendram que esse tipo de relação se concretiza. De acordo com Foucault (2011, p.186), para se exercer um poder “é necessário formar, organizar e colocar em circulação um saber”. Nesse sentido, as relações de poder se efetivam a partir das verdades que são postas socialmente. Nesse sentido, o poder, de acordo com Foucault (2011, p.183)

[...] deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação.

Exercemos o poder na medida em que tendemos a, de alguma forma, se sobressair ao discurso do outro. Ou seja, as relações de poder se exercem a partir do momento em que um tenta reagir ao discurso do outro e vice-versa. Desse modo, não há um dono do poder, mas os que fazem seu uso para que possam reagir ao do outro. Para tanto,

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2011, p. 8)

Nesse sentido, não é função do poder oprimir ou dizer não, mas produzir efeitos de sentido entre os sujeitos, que por sua vez tendem a reagir aos discursos de modo a se colocarem frente ao outro e se configurarem como socialmente inclusos. Assim sendo,

Mesmo quando a relação de poder é completamente desequilibrada, quando verdadeiramente se pode dizer que um tem todo direito sobre o outro, um poder só pode se exercer sobre o outro à medida que ainda reste a esse último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. (FOUCAULT, 2004, p. 277)

Dessa forma, as relações de poder só podem se exercer na medida em que os sujeitos sejam postos como livres e possam reagir, de alguma forma, aos discursos, as ações e as práticas do outro. Assim, os sujeitos considerados livres possuem forças suficientes para que seus discursos sejam aceitos e possíveis de estar em relação de poder ao outro; de uma forma ou de outra podem reagir. Desse modo, exercemos o poder no momento que nos posicionamos como sujeitos sociais, visando um posicionamento particular das nossas ações e fazendo uso de vontades de verdade para se sobressair ao discurso do outro, demonstrando, então, a relação de poder. Além do mais, leva-se, ainda, em consideração que as vontades de verdade de um discurso precisam ser consideradas em seu tempo e espaço, visto que as particularidades destes podem não serem reconhecidas em outros. É nesse sentido que iremos adentrar ao próximo tópico, pois a mídia é um dos meios que, de alguma forma, disseminam os discursos e que se utilizam das vontades de verdade e relações de poder propagadas socialmente.

1.4 O poder da mídia na produção de subjetividades

De acordo com Gregolin (2007, p. 24) “na nossa época a mídia é uma fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividades, evidenciando sua sofisticada inserção na rede de discursos que modelam a história do presente.”. Nesse sentido, a mídia tem o poder de modelar a história através dos discursos que circulam na sociedade, visto que é influenciada diretamente pelo modo como o contexto está situado, podendo assim, os sujeitos, produzir e reproduzir suas subjetividades. Assim, nós, frutos do meio social, em que a mídia tem poder de governar as subjetividades sobre os que dela usufruem, somos, de certa forma, conduzidos pelos discursos condizentes com os fatos do tempo atual. Desse modo,

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande

medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2007, p. 16)

Nossa identidade, portanto, molda-se pelos discursos advindos da mídia, transformando-nos em seres flexíveis, tornando apenas o que somos pelo modo como estamos atualmente, através do que vemos hoje, pois vamos nos apropriando dos discursos da mídia e sendo modelados pelos seus modos. Assim, somos, então, sujeitos modificados pelos aspectos midiáticos existentes, sendo estes capazes de modificar nossa identidade histórica através dos modos como elas descrevem nossa realidade. Dessa forma,

[...] as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. (GREGOLIN, 2007, p. 24)

Nesse sentido, a mídia constrói uma rede de conexão entre os leitores, seus discursos e a realidade existente, visto que um dá sentido ao outro. Porém, o que temos acesso, ao que se refere aos discursos postos na mídia, não se referem, portanto, a realidade concreta que vivenciamos. Vemos/lemos/assistimos, aquilo que foi, de certa forma, formulado pela mídia, e são apresentados a nós como condizentes com a realidade que temos. Assim sendo, o que podemos absorver dos discursos midiáticos são os modos de “enxergar”, através do seu olhar, que ela nos oferece; são, então, as vontades de verdade que a mídia dispõe ao público.

No entanto, essas vontades de verdade que são perpassadas através da mídia, são, de certa forma, uma visão que se tem socialmente. Desse modo, “[...] ao acompanhar alguns trajetos de sentidos em textos da mídia, podemos perceber sua função na produção social das lutas pelas construções/reconstruções das identidades.” (GREGOLIN, 2007, p. 23). O que se vê, então, na mídia, são aspectos condizentes com a produção social. Esses aspectos são elencados quando os sentidos dos discursos midiáticos são postos em circulação. Eles são motivados, portanto, pelo social, e tendem a construir/reconstruir identidades. Por isso, comungamos com a ideia que:

a identidade é um efeito de pertencimento que tem em sua raiz o paradoxo da instabilidade: os lugares contemporâneos são permanentemente deslocados pelas máquinas de informação e, por isso, é impossível fixar-se rigidamente em um território identitário único. (BAUMAN, 2006, p. 16).

A partir dessa afirmação de Bauman, percebemos que o autor trata as identidades como processos móveis, em que se moldam a partir do contexto em que estão inseridos. Dessa forma, os discursos da mídia são produzidos, também, levando em consideração o contexto e a história. O que se diz discursivamente se diz por que outros já disseram em um outro momento. “As vozes que falam na mídia fazem eco a outros dizeres que vêm de outros lugares da sociedade.” (GREGOLIN, 2007, p. 22).

Assim, as interpretações que se fazem desses discursos são consideradas a partir do meio social e do tempo, sendo esses responsáveis pelo modo diferenciado do olhar de cada indivíduo. Os “[...] sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, se digladiam, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários.” (GREGOLIN, 2007, p. p. 17). Nesse sentido, a formulação processual da identidade configura-se como uma ação dos discursos que são confrontados entre os sujeitos, considerando suas historicidades. Não temos, portanto, apenas uma interpretação sobre o pronunciamento de um discurso. “Estamos, o tempo todo, submetidos aos movimentos de interpretação/reinterpretação das mensagens midiáticas, [...]” (GREGOLIN, 2007, p. 17), pois é no decorrer da história que as pessoas leem e se compõem dos discursos que são produzidos em seu meio, dispondo assim de interpretações ou reinterpretações possíveis. É nesse jogo de interpretar e reinterpretar que fazemos uso e damos o nosso olhar ao discurso, pois

há uma tensa relação entre a mídia e seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser. Se só houvesse submissão, não haveria produção de novos sentidos. (GREGOLIN, 2007, p. 23-24)

Se não fosse o poder que temos de produzir novos significados ao que vemos no discurso, não faria sentido a mídia produzir tantos efeitos de sentido com seus argumentos e forças que têm sobre a sociedade. Isso só é possível porque nós, enquanto leitores, ouvintes, espectadores, da mídia digital, fazemos seu uso e nos

apoderamos de seu discurso tornando aquilo social e nossa identidade mutável, no sentido de que nos apropriamos dos discursos e estes agem sobre nós. “Nosso mundo fluido exige que as identidades não sejam permanentes. Essa é uma condição da vida moderna. Por isso, não podemos culpar a mídia de produzir a fluidez.”(GREGOLIN, 2007, p. 24). O mundo, então, necessita dessa fluidez para que se modernize e assim a existência humana consuma e produza conteúdos. A mídia, então, acompanha esse processo, porém, não é ela a condutora deste. Portanto, “somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo” (BAUMAN 2006, p. 96-97). Desse modo, somos moldados pelos discursos que vemos e ouvimos socialmente ao nosso redor.

Nesse sentido, visto que a mídia é influenciadora das nossas práticas discursivas e nossas subjetividades se moldam aos aspectos midiáticos expostos socialmente, já que seus discursos são tomados como vontades de verdade e ganham nossa credibilidade em razão do que pronunciam, criando, assim, uma espécie de poder sobre nós, sujeitos inseridos no mundo, apresentamos, no próximo capítulo, a análise das identidades referentes ao sujeito professor numa página do *Facebook*.

CAPÍTULO II: ENQUANTO ISSO NA SALA DA JUSTIÇA: EM BUSCA DE UMA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

2.1 A constituição da identidade do Professor na página do *Facebook* “Enquanto isso, na sala dos professores”

Como pudemos observar no capítulo anterior, para a constituição das nossas identidades devemos levar em consideração diversos fatores que estão atrelados ao sujeito. Na atualidade, um dos principais meios que nos dão suporte para essa constituição no meio social é a mídia, que dispõe de recursos discursivos que influenciam nossos pontos de vista. De acordo com Flores (2016, p. 353), “a profissão docente tem sido marcada por um conjunto de tensões e paradoxos que decorrem de visões distintas do papel da escola e do professor, que são, por vezes, conflituosas e que determinam o modo como o profissionalismo é encarado.”, ou seja, as representações dadas a estes profissionais determinam o modo como são vistos pela sociedade.

Pensando nisso, notamos que a página do *Facebook*, enquanto recurso midiático, intitulada “Enquanto isso, na sala dos professores” utiliza-se de imagens referentes aos docentes no contexto de sala de aula que traduzem, de certa forma, o modo como esses profissionais são vistos pela sociedade. Esta *fanpage* visa principalmente trazer um pouco de humor para questões relativas à sala dos professores, possibilitando aos usuários compartilhar, comentar e curtir as postagens feitas que, por sua vez, podem ser semelhante à situações já vividas dos seguidores.

Percebemos que não existe, portanto, apenas um tipo de representação para o professor, visto que cada constituição da identidade docente se dá de um modo diferente e cada um age diferente em sua atuação. De acordo com Freitas (2014, p. 117), “é no fazer diário, no cotidiano de vida e de trabalho, que a identidade vai se constituindo com maior profundidade.” Assim, cada professor, em sua experiência profissional, se configura de diferentes formas, não existindo um tipo de docente ou apenas uma representação deste.

No processo de constituição da identidade, o professor a partir dos discursos disseminados pode ser representado de diferentes formas, visto que há uma “[...]”

influência da exterioridade na constituição do discurso, já que seus enunciados se sustentariam em uma formação discursiva regida por condições de existência.” (PERES, 2010, p. 23). Nesse sentido, os discursos proferidos em razão de uma representação docente é moldada por aspectos condizentes da atuação desses, bem como das ideologias formadas socialmente e disseminadas como verdadeiras.

Assim, é nesse contexto que surgem as vontades de verdades que são obtidas através das representações desses profissionais, pois de acordo com Gregolin (2006, p.98) “a verdade, portanto, é uma configuração histórica: não há uma verdade, mas vontade de verdade que se transforma de acordo com as contingências históricas”. Nesse sentido, a identidade docente é configurada por vontades de verdades disseminadas através das imagens postadas na página. Entretanto, observa-se que, na maioria dos casos, as vontades de verdade das postagens são, de fato, condicionadas pelo olhar social que se dá para este profissional. Nesse sentido, sustenta-se o dito através das palavras de Foucault (2011, p. 12), pois o mesmo afirma que:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Desse modo, a sociedade, então, por meio de seus discursos que circulam como verdades, podem disseminar os ditos através de relações de poder e fazer circulá-los. Para tanto, é através dos jogos da verdade, descritas por Foucault (2004), em que a verdade deve ser considerada historicamente, pois o que foi dito e tomado como verdade hoje, pode não condizer com a verdade tida amanhã, que os discursos são conduzidos.

Nesse sentido, ao observarmos a página “Enquanto isso, na sala dos professores” foi notória as distintas “qualificações” dadas em virtude das vontades de verdade que são estabelecidas socialmente para os professores, tendo em vista o estabelecimento, muitas vezes, das relações de poder exercidas nas salas de aula. Tais representações serão descritas nos tópicos seguintes, através das imagens analisadas afim de elencar algumas identidades docente. Diante disso,

apresentamos nossa análise a partir das imagens recorrentes que foram encontradas na página do *Facebook* observando como a identidade profissional do professor se configura nas postagens.

2.2 As identidades do professor: que imagens são representadas através da mídia digital?

A imagem que se tem do professor ao ser apresentada nas mais diversas instâncias leva em consideração muitas questões, tais como o fato de o aluno achar que o docente pode ser seu inimigo pelo o modo de se portar; de modo que não seja do seu gosto/agrado. Muitas ações dos professores podem ser “mal interpretadas” pelos discentes e pode passar para o professor o papel de vilão. Levando isso em consideração, na imagem a seguir, podemos notar que, em sua disposição, há pessoas rindo, como se estivessem gostando da intenção de fazer com que o aluno não se divirta no feriado.



Imagem 1

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIssoNaSalaDosProfessores

Nota-se, ainda, que todos estão rindo em decorrência da quarta-feira ser feriado e o aluno ter que passar o dia fazendo o trabalho. Nesse contexto, notamos a presença de uma representação que condiz com um professor que irá passar esse trabalho para fazer uma maldade com o aluno, pois este não poderá descansar no feriado da quarta-feira, mas sim passar este dia fazendo o que o professor pediu para a quinta-feira. Pode-se, portanto, ressaltar a relação de poder existente entre professor e aluno, pois de acordo com Romeu (2012 p. 45) “nas diferentes relações

humanas, sempre haverá situações, governadas pelas relações de poder, em que um tenta conduzir o outro. ”Assim, o professor, nesta postagem, mantém o poder da situação em relação ao aluno, pois o docente solicita uma atividade para um dia que julgou ideal e subentende-se que os discentes executarão do modo como foi destinado. Por isso, o professor, aqui, é, possivelmente, visto como um vilão, bem como na próxima imagem analisada.

A imagem seguinte retrata a figura do professor Snape, um personagem do filme Harry Potter, que os estudantes menos gostavam por apresentar caráter severo. A sua fisionomia e vestimentas remetem a uma pessoa que amedronta as outras. A imagem apresenta cores escuras, uma espécie de fumaça ao fundo que podem representar um ambiente sombrio e amedrontador e que condiz com o perfil de Snape.

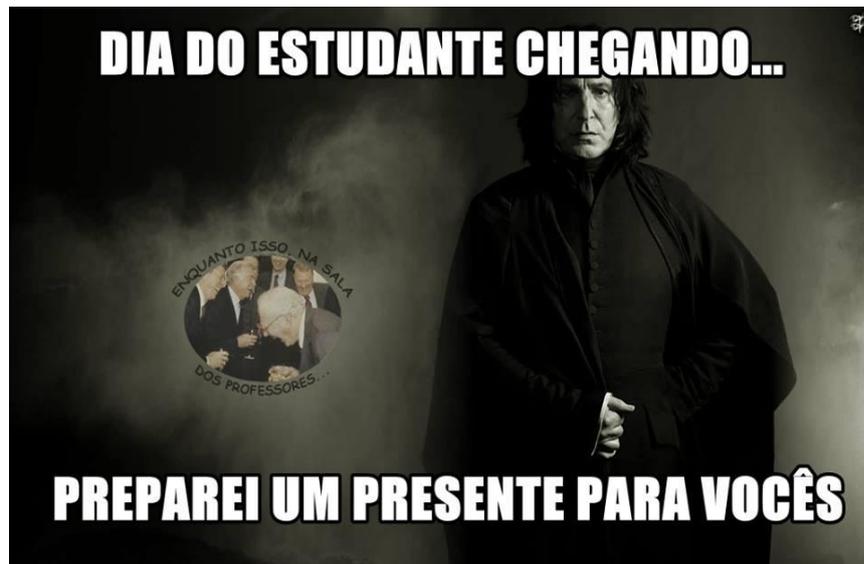


Imagem 2

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIssoNaSalaDosProfessores

Esta postagem da página mostra que este professor, que apresenta caracteres descritos acima, irá presentear seus alunos tendo em vista o dia do estudante que está chegando. Logo, em virtude da disposição da imagem, os alunos não poderão esperar um bom presente, visto que o perfil amedrontador disposto na imagem, não nos remete a coisas boas. Além disso, ao lado da figura de Snap, se encontra uma espécie de logotipo da página, que retrata, possivelmente, professores reunidos e rindo, e nos faz remeter a ideia de que eles estariam “caçoando” da relação entre o presente que o professor vai dar e a presença de

Snap dentro de um mesmo contexto. Assim, em decorrência dos aspectos elencados, o que se pode esperar desse presente é algo ruim, perpassando, assim, uma representação identitária para o professor como alguém que é incapaz de dar um bom presente aos seus alunos, configurando este profissional como um vilão ou inimigo.

Nesta próxima imagem está escrito que o aluno *trancou a disciplina*, por ter discutido com o professor, porém ele é único que a ministra. Através desse contexto, a postagem nos remete a ideia de um contexto acadêmico, visto que o trancamento de disciplinas faz parte do meio universitário.

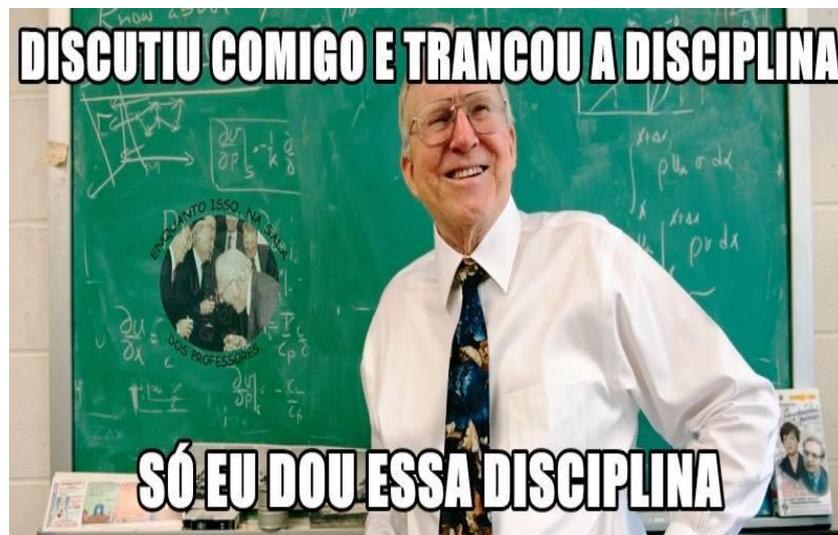


Imagem 3

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIssoNaSalaDosProfessores

Nesse sentido, o professor, se mostra, através da disposição da imagem, com um ar de riso e autoconfiança diante da situação, pois se o discente quiser cursar a disciplina terá que renunciar o seu trancamento e de novo encarar a presença do professor indesejado. Assim, mais uma vez a relação de poder entre o professor e aluno se faz presente, enfatizando que o docente, em sua tarefa profissional, ministra as disciplinas e o aluno, gostando ou não de sua presença, necessita cursá-la, embora tenha a autonomia de trancá-la. Assim, “compreendemos o poder, ou melhor, as relações de poder, como algo instável, possibilitando a qualquer um exercer e sofrer suas ações, tendo em vista que não há um dono do ‘poder’.” (ROMEY, 2012, p. 46). Considerando as palavras de Romey, percebemos que o aluno e professor, neste caso, estabelecem uma luta de relações de poder, tendo em vista que ambos, nas suas especificidades de educador e educando,

desencadeiam uma luta de poderes: o docente em se mostrar superior através do fato de que é o único que ministra a disciplina, embora o aluno desgoste de sua presença; e o aluno em poder trancar a disciplina e não ser obrigado a ter o profissional como seu professor. Desse modo, a identidade docente condiz com a de um profissional do ensino que não se importa com a antipatia do aluno. Assim, notamos através das imagens dispostas, que elencam a figura do professor nessas três postagens da Página “Enquanto isso, na sala dos professores”, que as identidades docentes são condizentes com a imagem de um professor visto como um vilão e que, possivelmente, estes profissionais condizentes com a identidade elencada, tendem a exercer poder em sala de aula.

Tendo em vista as identidades remetidas aos professores, através da página em análise, pode-se também citar aquelas que identificam o professor como o caxias, um tipo de pessoa que trata suas responsabilidades de maneira extremamente rígida e que, no caso dos professores, não deixa passar um décimo ou alguns segundos despercebidos em se tratando de notas ou tempo restante de uma aula, conforme podemos perceber na imagem a seguir.

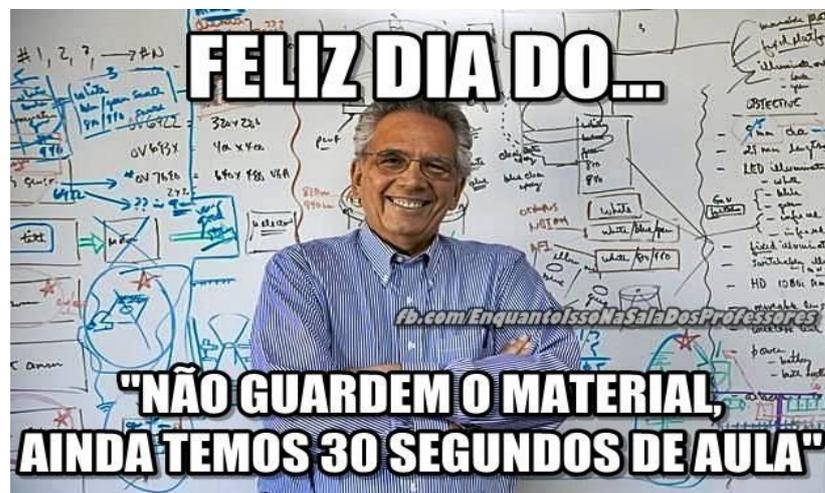


Imagem 4

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIssoNaSalaDosProfessores

Na imagem acima, observamos que este dia a que o texto da imagem remete é o dia do professor pelo fato de que, possivelmente, alguns profissionais da educação fazem uso desse tipo de discurso ao final de suas aulas, configurando um profissional que usa todo o tempo disponível que tem para fazer aplicação dos conteúdos. Assim, pode-se dizer que os professores que adotam esse tipo de

postura em suas aulas, condizem com professores caxias e, além disso, exercem relação de poder nas aulas quando exigem que os alunos “*não guardem os materiais*”, mesmo apenas restando 30 segundos, podendo ainda configurar um professor que deseja assegurar o maior tempo possível de ensino/aprendizagem e aproveitamento das aulas, mesmo que de forma rígida de sua parte.

A imagem abaixo também enfatiza a questão da rigidez do professor com seus alunos, pois para que a nota seja conquistada, mesmo parecendo mínima, seus alunos precisam realizar uma atividade para merecê-la.

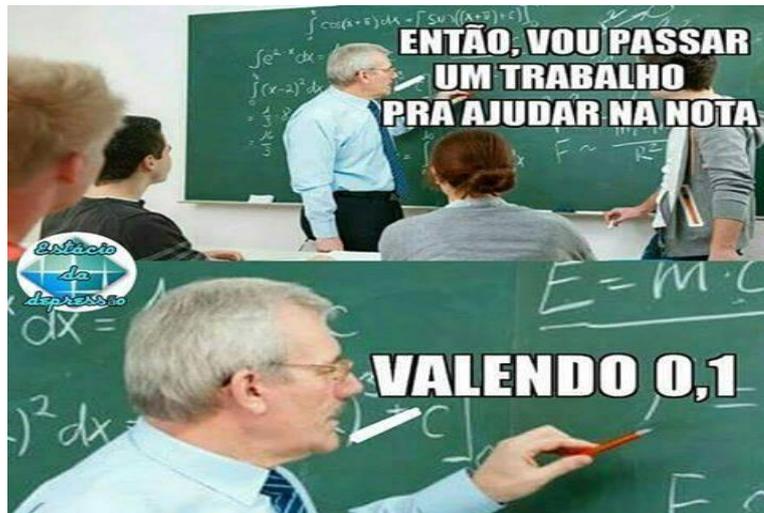


Imagem 5:

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIstoNaSalaDosProfessores

Assim, através das imagens analisadas, entende-se que a representação docente, configurada pelas duas imagens analisadas, implica em configurações que transpassam uma determinada rigidez para a figura do professor através das notas dos alunos e/ou tempo restante de aula, configurando-os, assim, como professores caxias, visto que os docentes condizentes com esse perfil identitário, também compõe uma relação de poder existente em sala de aula, pois, de acordo com Foucault (1995, p. 241)

Quanto às relações de poder propriamente ditas, elas se exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos; e também não são dissociáveis das atividades finalizadas, seja daquelas que permitem exercer este poder (como as técnicas de adestramento, os procedimentos de dominação, as maneiras de obter obediência), seja daquelas que recorrem para se desdobrarem, a relações de poder (assim na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas).

Assim, o professor faz uso desse poder para controlar a turma, pois age a fim de demonstrar o comando que pode exercer em virtude da sua função como educador. Diante disso, os alunos podem optar por acatar ou não as obrigações dispostas pelo docente, configurando, desse modo, relações de poder exercidas em uma sala de aula.

Um professor, como já vimos no decorrer desta análise, atrela-se à possíveis identificações que são condizentes com as vivências tidas em sala de aula, que podem remeter a uma configuração típica de qualquer professor que leciona. Conforme afirma Freitas (2014), a identidade docente vai sendo construída junto com todos os acontecimentos que são atrelados nesse processo de constituição. Ou seja, a identidade docente vai sendo configurada levando em consideração as vivências ocorridas também pela prática. Assim, são dessas vivências que as identidades se constituem, pois é no fazer que um professor se constitui como tal e pode se identificar.

Tendo em vista o processo identitário docente, um professor, também pode caracterizar-se por um perfil irônico, utilizando-se dessa característica para influenciar em respostas dadas aos alunos durante suas aulas, tornando o contexto de sala de aula um ambiente propício para se realizar a ironia, conforme podemos ver nas imagens a seguir:

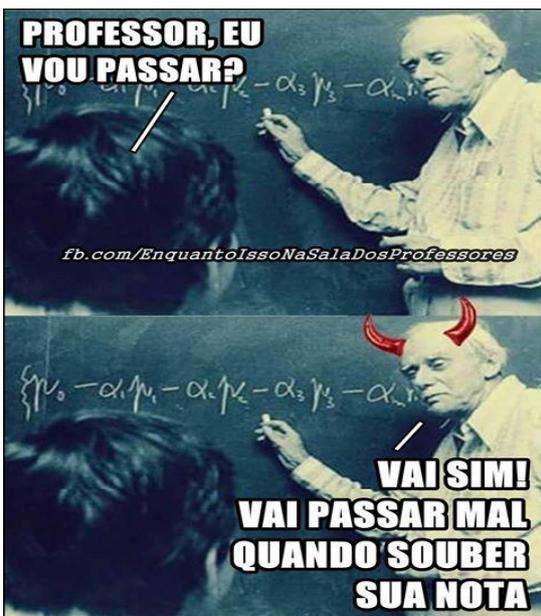


Imagem 6



Imagem 7

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIssoNaSalaDosProfessores

Analisando as imagens acima, podemos notar como o processo identitário docente é influenciado pela ironia. As três postagens analisadas à seguir são configuradas pela mesma imagem (o professor na lousa e o aluno olhando), porém, há nelas uma montagem que é disposta abaixo, a qual destina ao professor um par de chifres, que designa a figura do diabo para o docente.

Na imagem 6, o professor faz uso de “piadas” para dar a resposta. Esse uso faz com que este profissional também seja visto como uma pessoa má, que se assemelha ao diabo, pois a resposta dada pelo docente aparece, justamente e propositalmente, na montagem feita da imagem original com um par de chifres na cabeça.

Em seguida, a imagem 7 se configura da mesma forma que a primeiradesta sequência, porém, o que muda são as perguntas feitas ao professor e, em consequência disso, muda-se também as respostas. Assim, o professor responde mais uma vez ao aluno com “piadas”, visto que quem pode dar a luz é Thomas Edison, o homem que inventou a lâmpada e não ele o professor e, assim, o docente é assemelhado a um diabo, por não dar a resposta esperada a pergunta do discente. Vejamos mais uma postagem:

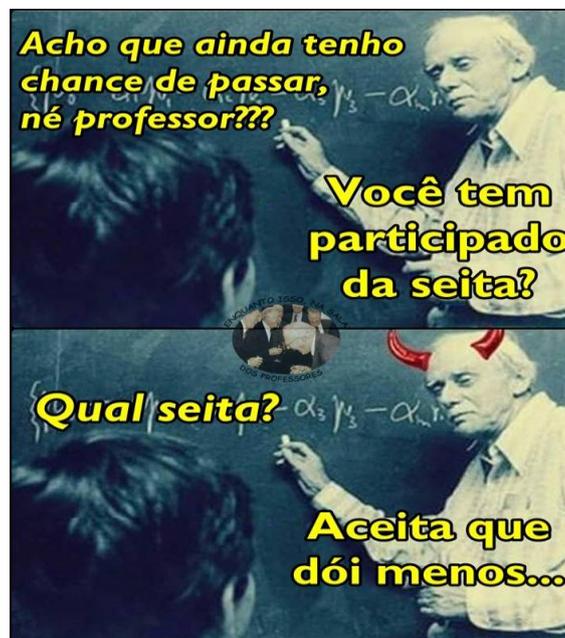


Imagem 8

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIssoNaSalaDosProfessores

O aluno, nesta imagem, pode passar de ano caso participe de uma seita relatada pelo docente. O professor, já também na montagem, responde ironicamente ao fazer uso da palavra “seita” lançando a expressão: “*aceita que doi menos*”, se aproveitando da homofonia entre as palavras *seita* e *aceita*, para compor o seu tom irônico na resposta e configurando, assim, uma representação negativa, já que engajado a sua resposta está o par de chifres na cabeça. Assim, o professor irônico é também visto como mal, pois nas imagens apresentadas o uso da ironia vem em conjunto com os chifres que podem designar a figura de um ser maléfico, nunca respondendo, de fato, às perguntas realizadas pelos alunos. Desse modo, as vontades de verdade designadas para o profissional docente é a que ele também utiliza-se de ironias para compor suas aulas apresentando respostas, que, de alguma forma, não correspondem às expectativas do alunado.

O professor, através das diferentes imagens para sua identidade, pode, também, ser considerado como a pessoa destinada a atribuir uma nota às atividades/provas/trabalhos de seus alunos, tendo em vista que este é uns de seus deveres. Nesse sentido, a partir da imagem a seguir podemos perceber e entender como pode acontecer esse tipo de representação identitária docente.



Imagem 9

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIssoNaSalaDosProfessores

Na postagem acima, se encontra compondo o sentido da imagem a fala do professor: “*Feliz natal e uma ótima reprovação*”, dando a ideia oposta das felicitações e boas vibrações dadas ao aluno quando o professor utiliza em suas

provas as expressões: “Boa sorte” e “Boas festas”, que, na verdade, podem soar como uma ironia do professor para o aluno. A partir da configuração da imagem, também podemos observar o modo como o professor se porta (braços cruzados e sorriso no rosto) e levando em consideração a linguagem verbal, a imagem tende a expressar um docente como indiferente e “pouco preocupado” em relação à reprovação dos alunos, demonstrando, ainda, que já tem a certeza dela.

Nesse sentido, o professor é visto como a pessoa que atribui uma nota ao seu alunado, e que, de alguma forma não se importa com a reprovação deles, pois sua possível fala traz as palavras “*feliz*” e “*reprovação*” na mesma frase. A imagem aborda, ainda, mais uma vez, a relação de poder exercido entre professor/aluno, pois o docente é considerado o responsável por atribuir uma nota como se esta partisse apenas do professor e não também das respostas dos alunos através das atividades, avaliações, etc.

De acordo com Romeu (2012, p. 48):

O saber docente, por exemplo, alicerçado em um dado jogo de verdade, serve como suporte para que se exerça o “poder” de ensinar ao outro o que se deve fazer, como se deve fazer. O exercício do poder de ensinar, alicerçado no saber docente, na “verdade” da pedagogia, é disseminado pela instância discursiva.

Desse modo, o professor não é o dono do saber, mas este profissional se mantém em um jogo de verdade que se caracteriza pelo seu discurso no ato de ensinar que, de fato, é considerado correto e verdadeiro, podendo, assim, manter uma relação de poder na sala de aula, pois o educador pode ser o condutor para o conhecimento. Porém, mesmo que o discurso pregado pelo professor em sua sala de aula conduza o alunado para a compreensão do assunto abordado, o docente pode não se responsabilizar se por ventura o aluno não atinja um bom desempenho em atividades avaliativas. A indiferença do docente em relação às notas dos discentes, apresentada na imagem, mostra que embora ministre e possa conduzir os alunos para a entendimento dos assuntos que estejam em pauta, o educador não se responsabiliza pelo não entendimento e muito menos pela nota adquirida, podendo, ainda, ser visto como um inimigo.

Por fim, finalizando a abordagem das postagens para compor possíveis identidades docentes, analisamos a seguinte imagem:

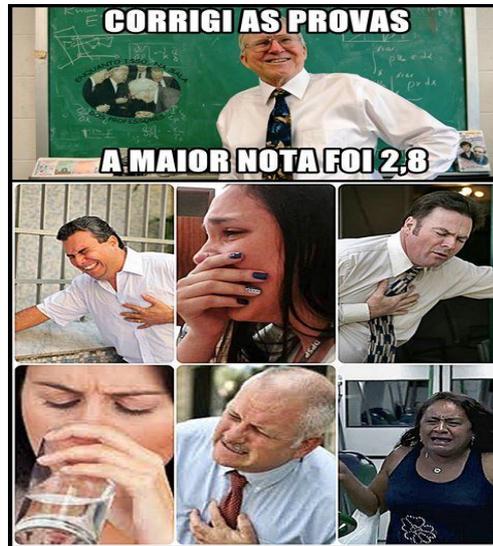


Imagem 10:

Disponível em: www.facebook.com/EnquantoIssoNaSalaDosProfessores

Nesse contexto imagético, o professor é configurado como o atribuidor de nota. A indiferença do professor em relação às aflições do alunado em decorrência das notas baixas é clara, visto que o mesmo faz o anúncio das provas que foram péssimas, sorrindo, enquanto os alunos, que são representados pelas pessoas que aparecem aflitas na imagem, passam mal. Desse modo, o posicionamento do educador é de indiferença em relação à tristeza e fracasso em virtude da não obtenção de bons resultados dos educandos, visto que foi possível notar uma certa felicidade do profissional ao dizer, nesses casos, que o alunado não foi bem nas provas ou que não irão passar de ano, configurando, também, a relação de poder exercida entre professor e aluno, tendo em vista que o docente, através da sua profissionalização, exerce relações de poder em seu meio, e, através dos acontecimentos elencados, pode-se desencadear uma antipatia do estudante pelo professor.

Diante dos dados apresentados, através das postagens da página “Enquanto isso, na sala dos professores” do *Facebook*, fizemos uma breve análise de alguns perfis identitários para os docentes e pudemos perceber que estes profissionais são alvo de inúmeros modos possíveis de identificação. Considerando as vontades de verdade que foram analisadas através das identidades docentes que são traduzidas pelas características provenientes de sua atuação profissional,

basicamente, elas se amparam na visão social tomada como verdade através dos discursos propagados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada em que utilizamo-nos de postagens da página “Enquanto isso, na sala dos professores” do *Facebook*, posto que seu maior interesse é voltado em configurar um caráter humorístico para as dadas situações vividas em um contexto de sala de aula entre o professor e aluno, e, através disso, acaba por explicitar alguns perfis identitários docentes, analisamos as imagens afim de investigar como as identidades dos professores são representadas, visando uma identificação das vontades de verdades apresentadas pela mídia digital.

É sabido que as identidades, embora formadas para um mesmo cargo profissional, se configuram a partir de contextos sociais e pessoais vividos pelo sujeito. Desse modo, durante a pesquisa, através do *corpus* analisado, percebemos que o professor possui diferentes configurações identitárias, embora todos exerçam uma mesma profissão. Isso se dá pelo fato de que a mídia, sendo ela disseminadora de discursos que servem como fontes capazes de criar e recriar subjetividades, possui forte influência no que diz respeito ao modo como as identidades docentes são disseminadas.

Assim sendo, foi possível identificar que a página para a efetivação da identidade docente utiliza-se de imagens em que o professor é elencado de forma a parecer que vive em experiências conflituosas com seus respectivos alunos, de modo a ser caracterizado até mesmo por inimigo, visto que o contexto escolar, ao invés de entrosamento propicia relações de poder em que o professor busca demonstrar seu domínio na sala de aula, e os alunos, ao demonstrarem resistência, criam antipatia pelo docente.

Notamos, então, que as identidades do educador elencadas pela página “Enquanto isso, na sala dos professores”, apresenta um perfil identitário em que o professor, na maioria dos casos, é visto como um sujeito que nas relações de poder exercidas em seu contexto escolar tende a querer dominar fazendo uso do poder, principalmente, no momento de avaliar e destinar uma nota às avaliações e/ou trabalhos do alunado e até mesmo em relação aos horários destinados para aula e saída, em que o docente faz questão de permanecer em atividade até os últimos segundos.

Contudo, considerando as identidades docentes que foram elencadas até então, pelo modo como a página fez uso da imagem do professor, nota-se que o profissional da educação que poderia utilizar-se de meios para manter a disciplina e a ordem em sua sala de aula e, assim, de fato acontecesse o ensino e aprendizagem de forma que os alunos se sentissem motivados para estudar, ao contrário, ele torna esse momento conflituoso, pois os alunos, em alguns casos retratados pelas postagens, podem sentir-se desmotivados pelo modo como o professor utiliza-se de sua condição profissional e, de alguma forma, consegue reprimir seu alunado e mostrar-se superior.

É, então, nesse sentido que este trabalho contribui socialmente, visto que, motivados por uma busca acerca dos modos como a Página “Enquanto isso, na sala dos professores” constroi o perfil identitário do professor, foi possível constatar como esse profissional é configurado a partir da visão social e midiática, ressaltando as vontades de verdade perpassadas nos dias de hoje e o modo como a sociedade enxerga e dissemina os discursos através das diferentes visões existentes para a figura do professor.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, 1925- **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi/ZygmuntBauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FLORES, Maria Assunção. O futuro da profissão docente. In: Maria de Lourdes Spazziani (Org). **Profissão de professor:** cenários, tensões e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 343-367.

FOUCAULT, Michel. A Ética do cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: _____ **Ética, sexualidade, política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.p. 192-217.

_____. **A ordem do discurso.** 5. Ed. São Paulo: Loyola,1996.

_____. O Sujeito e o Poder. In: DRAYFUS, Humbert e RABINOW, Paul. Michel **Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Microfísica do Poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FREITAS, Fernanda de Lourdes. **A identidade do professor:** da teoria à prática / Fernanda de Lourdes de Freitas. – São Paulo : Casa do Psicólogo, 2014.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GREGOLIN, M. R. V. **Análise do discurso e mídia:** a (re)produção de identidades. In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v 4, Nov. 2007.

_____. M. R. F. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso** – diálogos e duelos. 2ª. Ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

_____. Maria do Rosário Valencise. **Identidade:** objeto ainda não identificado?. UFMG. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PERES, Aparecida de Fátima. **Saberes e identidade profissional na formação de professores de língua portuguesa** / Aparecida de Fátima Peres ; prefácio Cláudia Valéria DonáHila. – Maringá :Eduem, 2010. 169 p.

ROMEU, Silvana Suellen de Lima. **Os sujeitos de ensino na “página policial”** : uma análise das identificações dos sujeitos professor e aluno construídas no gênero notícia. Dissertação de Mestrado. UFCG, Campina Grande, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/Tomaz Tadeu da Silva (org.). 9. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.